

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANDERSON CAETANO DE SOUZA

AS FORMAS DE CONTROLE DE VIGIAR E PUNIR NA ESCOLA 15 DE
NOVEMBRO DE COM BASE NA ARQUITETURA DO LUGAR

CAMPOS DOS GOYTACAZES
2017
ANDERSON CAETANO SOUZA

AS FORMAS DE CONTROLE DE VIGIAR E PUNIR NA ESCOLA 15 DE
NOVEMBRO COM BASE NA ARQUITETURA DO LUGAR

Trabalho apresentado à disciplina prática de
pesquisa em ciências sociais e educação
(licenciatura) do Curso de Ciências sociais da
Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Profº
Dr Marcio Malta

CAMPOS DOS GOYTACAZES
2017

SUMÁRIO.

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
CAP. 1. ARQUITETURA E ESPAÇO DO COLÉGIO 15 DE NOVEMBRO.....	14
1.1. O PANÓPTICO.....	17
1.2. FORMAS DE CONTROLE NO COLÉGIO 15 DE NOVEMBRO.....	19
1.3. A ARQUITETURA INFLUENCIANDO NA ATIVIDADE INTELLECTUAL DOS ALUNOS E DEMAIS AGENTES DO LUGAR.....	21
CAP.2. SOBRE OS MECANISMOS DE CONTROLE E DE PUNIÇÃO.....	22
2.2. ARQUITETURA DO LUGAR COMO FORMA NEGATIVA DE APRENDIZADO.....	27
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

RESUMO

As relações de controle de vigilância e de punição encontradas no espaço escolar, com base na arquitetura do lugar e das relações interpessoais entre os agentes do lugar é o objeto central de análise desta monografia. Busco, no entanto o entendimento de que na escola ainda se faz presente muita das formas de controle de vigilância e de punição apontadas pelos autores trabalhados nesta monografia, e que a arquitetura do lugar tem uma forte influência para estas formas de controle e de vigilância dos agentes do lugar. Através de diferentes interpretações construí uma proposição de análise que observa que a escola se parece em muitos aspectos com outras instituições da sociedade, e possui um caráter de controle e vigilância muito parecidos como, por exemplo, a prisão carcerária, o hospital, a fábrica, entre outros lugares. O caminho percorrido para este entendimento passou necessariamente, pela compreensão de que os discursos envolvidos em torno da vigilância e do controle e até mesmo da punição aos indivíduos destes lugares é que este discurso não se aplica apenas a um lugar específico, mas o modelo serve para todos os espaços incluindo a escola, um exemplo disto é a concepção do panóptico de Bentham.

Palavras-chave: Controle, escola, Foucault, punição.

ABSTRACT

The surveillance control and punishment relationships found in school space, based on the architecture of the place and the interpersonal relations among the agents of the place is the central object of analysis of this monograph. However, I seek the understanding that in school, many of the forms of vigilance control and punishment pointed out by the authors of this monograph still exist, and that the architecture of the place has a strong influence on these forms of control and surveillance of agents of the place. Through different interpretations, I constructed a proposition of analysis that observes that the school resembles in many aspects with other institutions of society, and has a similar control and surveillance character, such as prison, hospital, factory, among other places. The way forward for this understanding has necessarily gone through the understanding that the discourses involved in surveillance and control and even punishment of individuals from these places is that this discourse does not apply only to a specific place, but the model serves to all spaces including school, an example of this is the conception of the Panopticon of Bentham.

Keywords: control, school, Foucault, punishment.

Introdução

Hoje a nossa sociedade é marcada pela forma como somos todo o tempo controlados e vigiados e muitas vezes até punidos. Com isso é notável que em vários lugares, por exemplo, como as instituições, há sempre a sensação de estar sendo vigiado, por algo ou alguém.

Seja no banco, no shopping, na fábrica, na empresa, ou na escola, há sempre um olhar para nos controlar, seja pelo guarda do banco, ou pelas câmeras de segurança, ou pela monitora dos alunos, mas para compreendermos porque isto acontece é necessário fazer uma contextualização destas formas de controle e vigilância.

As chamadas sociedades disciplinares foram analisadas por Foucault a partir do século XVIII até o século XIX. Estas sociedades segundo Deleuze:

[...] procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um ambiente fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica de vez em quando o hospital, e eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência (DELEUZE, 1992, p.219).

A análise da fábrica como projeto ideal de um modelo de confinamento, um lugar onde se concentra, distribui no espaço ordenado, por tempo, indivíduos que formam uma força produtiva, torna-se um espaço de confinamento direcionado para a produção. Porém não é só na fábrica que vemos este modelo de distribuição dos indivíduos, vemos nos hospitais, na prisão carcerária e também na escola, esta última que é o objeto da minha pesquisa.

Mas Foucault sabia que esse modelo sucederia a outro modelo, o da sociedade de controle, esta que se preocupa mais com a organização e com a gerência do que apenas a produção.

Segundo o autor, é notório que as sociedades disciplinares se encontram numa crise generalizada dos meios de confinamentos, prisão, escola, fábrica hospitais, família. É a causa de vermos tantas reformas para vários destes espaços, reforma da escola, reforma da prisão, reforma da indústria, mas o autor aborda que todas estas instituições estão fadadas ao longo do tempo ao desaparecimento, até o surgimento de novas forças que chegam, são as sociedades de controle, estas que trazem um ar de liberdade ao

pensamento de espaço confinado, mas que passam a integrar mecanismos que rivalizam com os mais duros confinamentos.

A sociedade de controle é uma modulação, como uma moldagem que se deforma continuamente a cada instante, um exemplo era a fábrica que antes era um corpo maciço de operários todos voltados para a produção no mais alto possível e o mínimo para os salários, mas na sociedade de controle aparece a figura da empresa, esta que é como uma alma, um gás, existe para dar uma modulação para cada salário num estado de metaestabilidade.

Na sociedade disciplinar a fábrica mantinha a todos como um só corpo, porém na sociedade de controle a empresa introduz todo o tempo uma rivalidade, em que o salário se dará através do mérito.

Outro fator nas sociedades disciplinares era a questão do tempo na formação dos indivíduos era da escola a caserna, da caserna a fábrica, parando por aí, enquanto que na sociedade de controle a formação é continuada vemos isso nos empregados de uma empresa, mesmo já sendo parte integrante do corpo da empresa estão sempre fazendo novos cursos de formação fora e dentro da empresa.

Aqui nos interessa em especial a questão de como a escola se organiza nesses marcos. Portanto, este projeto de monografia tem por intenção abordar as formas de controle, de vigiar e de punir, segundo o pensamento de Michel Foucault em sua obra Vigiar e Punir e Microfísica do Poder, e em paralelo, analisar a arquitetura da escola, como também formas de controle e adestramento dos alunos.

Para falar sobre a relação do controle usei como referência a obra de Gilles Deleuze sobre a Sociedade de Controle e ainda tento abordar a questão do Panóptico de Jeremy Bentham relacionado à estrutura do lugar. Procuo também discorrer sobre o estranhamento que o pesquisador tem ao chegar ao seu campo de pesquisa, para esta questão busquei embasamento teórico no texto do Gilberto Velho, Observando o familiar, e da Lícia Valadares, sobre os Dez mandamentos da observação participante. Ainda sobre a estrutura do lugar, procuro demonstrar como esta tem relevância na atividade intelectual dos alunos segundo Bernard Charlot.

O meu local de pesquisa é a Escola Estadual 15 de Novembro, localizada no município de Campos do Goytacazes. Escolho este local por ser a terceira escola estadual da qual tive a oportunidade de vivenciar e estar presente no cotidiano dos alunos e demais agentes que compõem o ambiente escolar, sendo que já tive a oportunidade de estar presente em mais duas escolas estaduais de Campos dos Goytacazes. Este projeto se dá ao longo de todo o primeiro semestre de aulas, deste ano de 2017, e foi até o final do segundo semestre.

A forma como faço o projeto se dá através de: caderno de campo, em que tomo nota de todos os acontecimentos que obtém relevância para o meu tema. Faço um levantamento da história do lugar, procuro saber a data da fundação,

origem e o porquê do nome da Instituição. Entrevisto os agentes do lugar, como os professores, diretora, monitora, coordenadora de turmas, alunos, bibliotecária. As entrevistas seguem uma forma de entrevista semiestruturada, em que eu levo as perguntas já prontas para serem respondidas e também entrevista livre, junto a isto procuro levantar uma bibliografia referente ao tema tendo os autores citados no momento inicial deste trabalho.

De forma geral este tema que tenho por intenção abordar se deu por conta de dois casos que eu observei nas duas escolas anteriores que estagiei. Quando eu estava no meu primeiro estágio na escola estadual Nilo Peçanha, no ano de 2014, no dia em que tratava com a diretora sobre a documentação do estágio. Em vários momentos a monitora dos alunos vinha e interrompia a nossa conversa alegando algum problema entre os alunos, às vezes vinha dizer que alunos estavam brigando, as vezes que estavam desrespeitando o professor entre outras alegações que a monitora trazia a diretora, para que ela dissesse o que fazer.

Em todas estas visitas da monitora à sala da diretora neste dia em que eu estava lá, a decisão da diretora era sempre a mesma: “Manda fulano ir para casa” dizia a diretora, às vezes ela mandava embora e dava uma suspensão de uma semana. Eu atento aquilo tudo, me perguntava. Será que é sempre assim aqui? Enfim, passou o meu período de estágio e ainda não tinha nenhuma ideia para o meu projeto de monografia. Foi quando eu fui estagiar numa outra escola estadual que outro fato ocorreu que me fez ter a ideia de abordar este tema, foi na escola estadual João Pessoa no ano de 2015, quando eu estava também numa sala aguardando a diretora para tratar da documentação do Estágio nisso entraram dois alunos para conversar com o pedagogo da Escola, pois este também estava na sala.

Os alunos estudavam na mesma turma e tinham brigado na aula, eu atento a tudo naquele local, observava o pedagogo aconselhando aos jovens, de que eles deveriam manter uma boa harmonia com eles e com todos, e que mesmo que eles não se gostassem, era dever de ambos que se respeitassem, pois estavam num ambiente coletivo, mas que se ainda assim não levassem a sério as palavras e conselhos do pedagogo, este tinha um “remédio” muito bom para os alunos que se comportam da maneira que os dois estavam se comportando, este “remédio” era a transferência, segundo as palavras do pedagogo da escola.

Foi nessa hora que me lembrei do caso na escola Nilo Peçanha do meu primeiro estágio, ou seja, enquanto em uma escola a punição da diretora em, por exemplo, caso de brigas dos alunos era apenas de mandar pra casa, ou suspensão de uma semana de aula, na outra, também por briga de alunos a solução é a

transferência, nisto me veio à ideia de tentar abordar o tema das várias formas de controlar, vigiar e punir os alunos na escola estadual.

No tocante ao estranhamento do pesquisador em seu campo de estudo, acredito que tal relação foi bem expressa por Gilberto Velho na seguinte sentença:

Uma das mais tradicionais premissas das Ciências Sociais é a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões (VELHO, 1994, p.123).

É interessante perceber como esta citação de Gilberto Velho vai exatamente ao encontro do nosso pensamento quando estamos indo para o local da pesquisa, temos um pensamento de neutralidade, de não se envolver nas relações do cotidiano do lugar pesquisado, segundo Gilberto Velho, esta razão se dá pelo fato de que é necessário manter o caráter do método quantitativo que possuem caráter científico e por isso mais neutro, mas quando se chega ao campo, este preceito já não tem a mesma força que antes, pois de certa maneira é quase impossível não se envolver de alguma forma com os agentes do lugar.

Outra questão que se levanta é a de que o lugar de pesquisa nos parece muito exótico e cheio de novidades, este era o meu pensamento no meu primeiro estágio, mas agora estou mais experiente com relação ao lugar da pesquisa e esta visão já foi substituída pelo conceito de familiaridade, muito embora eu estando num lugar diferente, outra escola diferente das que já passei nos estágios anteriores.

Com isso é notável de que no campo de pesquisa sempre estamos buscando essa relação de familiar e exótico como fontes de conhecimento ou desconhecimento respectivamente. O fato de olhar ao meu redor e ver um monte de jovens todos aparentemente da mesma faixa etária, divididos por séries, torna aquilo familiar por já ter visto várias vezes este cenário, e por ter participado deste cenário na minha época de estudante do ensino médio.

Porém o fato de que cada indivíduo tem uma vida própria, vem de um lugar diferente do meu, tem hábitos e gostos diferentes, torna para mim tudo muito exótico.

Como aponta Gilberto Velho em relação a este familiar e exótico.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido, mas o que não vemos e não encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido. (VELHO, 1994, p. 126)

Na minha pesquisa a maior parte da metodologia, foi uma observação participante, tendo noção de que a observação participante segundo Lícia Valadares.

Implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área [...] O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos. (VALADARES, 2005, p.153)

Com esta citação da autora é possível compreender que o local de pesquisa não é sempre tão fácil de conseguir um acesso. Confesso que tive muitas dificuldades no meu campo. A primeira delas é a distância, por eu residir em outro município bem longe do meu campo, com isso houve vários desencontros quando eu ia para fazer minha pesquisa, ora era um conselho de classe que estava acontecendo no colégio, e ninguém poderia ficar na lá, outros momentos era a dificuldade de se marcar uma entrevista.

Mas com o tempo a minha presença no colégio foi se tornando familiar e fui conseguindo obter mais espaços de observar o cotidiano dos alunos, pude fotografar o lugar, e até consegui entrevistar alguns agentes do lugar.

Outro ponto que a autora apresenta sobre os dez mandamentos da observação participante é de que.

Uma observação participante não se faz sem um “Doc”, intermediário que “abre as portas” e dissipa as dúvidas junto as pessoas da localidade. Com o tempo, de informante-chave, passa a colaborador da pesquisa: é com ele que o pesquisador esclarece algumas das incertezas que permanecerão ao longo das investigações. Pode mesmo chegar a influir nas interpretações do pesquisador, desempenhando, além de mediador, a função de “assistente informal” (VALADARES, 2005, p.154)

No meu campo de pesquisa a minha “Doc” foi a bibliotecária Rosemeri, foi com ela que obtive maior parte das informações do colégio, foi com ela que consegui me comunicar a distancia para saber se haveria aula, se as pessoas que precisavam entrevistar estavam no colégio, pois como disse antes, para mim fica muito difícil dar uma viagem perdida.

Porém isto de encontrar uma “Doc” no campo não foi logo no início da pesquisa, eu só fui realmente ter uma relação mais próxima com a Rosemeri agora mais para o final da pesquisa, pois antes outras pessoas tinha me negado um contato, se recusaram a me dar mais atenção, isto vai exatamente ao encontro do que fala Licia Valadares de que.

O pesquisador aprende com os erros que comete durante o trabalho de campo e deve tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa. Deve, assim, refletir sobre o porquê de uma recusa, o porquê de um desacerto, o porquê de um silêncio. (VALADARES, 2005, p.154)

Neste parágrafo procuro relatar o histórico do Colégio Estadual 15 de Novembro, a sua data de fundação, o porquê do nome da instituição, localização e quadro de funcionários, números de alunos e turmas. Obtive estas informações analisando o PPP 2017 atualizado do colégio.

Segundo o PPP 2017 do colégio, o nome Colégio Estadual 15 de Novembro é uma referência de uma das datas mais brilhantes da nossa história, que foi a proclamação da República, na data 15 de Novembro do ano de 1889. Com isso o nome do colégio é uma homenagem a Proclamação da República.

Mas o colégio já teve outro nome antes desse, se chamava Solar Saturnino Braga, que era o próprio nome do edificador do colégio, este que era um Senhor dono de fazendas, dezenas de casas, fábricas de engenho, esta que possivelmente era a fortuna naquela época na região de Campos dos Goytacazes.

Morrendo o Saturnino Braga, mais tarde, ficou ocupando o solar, o seu genro Francisco Pinto Rodrigues de Brito, cuja família mudou-se para o Rio, após o falecimento de seu chefe, sendo instalado no local o Colégio Bittencourt.

Fizeram-se então, adaptações para o colégio. Posteriormente, em sucessão ao Bittencourt, iniciou as atividades o Colégio Diocesano, orientado por D. Mourão, Bispo de Campos, o prédio foi adquirido pelo governo Estadual, o que ali fez funcionar o G. E. 15 de Novembro, atualmente C. E. 15 de Novembro. Anteriormente situado no edifício ocupado pelo SAPS, hoje Coordenadoria Regional Norte Fluminense I.

O ano de fundação do colégio se deu em 1911, assim como aponta a citação abaixo.

A Escola Estadual “15 de Novembro”, integrante do sistema Estadual de Ensino, Seção de Pavimento da Secretaria de Estado de Educação e Cultura, criada pelo Decreto 1.200, publicado no Diário Oficial de 07 de fevereiro de 1911. (PPP, 2017, p.4)

Até o ano de 1978, a escola funcionou no seu prédio próprio, ocupado, atualmente, pela Coordenadoria Regional do Norte Fluminense I. Neste ano começou a reforma do prédio antigo e a construção do novo.

A partir de 1979, então, a escola foi desmembrada, passando a funcionar em três lugares diferentes: Centro Educacional Norte Fluminense que hoje é o atual Colégio Bittencourt com as turmas 1^a. à 4^a séries. Escola Estadual João Pessoa com as turmas de 5^a. à 8^a séries. Jardim de Infância Mariana Barreto com três turmas de Classe Especial. O seu novo prédio só foi ser inaugurado no dia 20 de Novembro do de 1980.

O colégio tem no total 816 alunos, sendo 374 no Ensino Fundamental, e 442 no Ensino Médio, possui um quadro de 53 professores regentes e 19 professores extra-classe, sendo 2 professores readaptados. No total o colégio conta com um corpo de 96 funcionários.

Cap.1. Arquitetura e espaço do Colégio Estadual 15 de Novembro

O Colégio 15 de Novembro fica localizado na Rua Quinze de Novembro no centro de Campos dos Goytacazes, logo na chegada me deparo com um muro azul bem alto e ainda acima do muro uma grade feita por canos de aço e uma tela de aço, a escola possui dois portões, um grande para entrada e saída de veículos e outro menor com uma espécie de corredor, ao fundo fica o portão, neste corredor fica uma guarita, possivelmente para identificação, mas que está fora de funcionamento no momento, abaixo temos uma imagem da frente da escola.



fig. (Créditos da foto: Anderson Caetano)

Ao interior da escola, me deparo com um pequeno pátio ao ar livre, é um espaço relativamente pequeno para um colégio estadual que ministra turmas do Sétimo ano do Ensino Fundamental II até o terceiro ano do Ensino Médio segundo a resposta de uma aluna da qual obtive esta informação, ao lado deste pátio há uma quadra esportiva coberta por uma estrutura de metal, a quadra também é pequena, tendo ainda uma árvore aparentemente muito antiga ao fundo.

Adentrando mais ao interior da escola encontro outro espaço que é à base da estrutura do prédio, este espaço também serve como espaço de socialização entre os alunos que junto com a quadra e o outro espaço ao ar livre forma todo o pátio da escola.

Ao fundo do espaço coberto ficam as áreas como: o refeitório juntamente com a cozinha, a secretaria, a biblioteca, o banheiro coletivo feminino e masculino. Há uma pequena sala para tirar impressões e xerox, há outra sala onde fica a diretora, pois ela fica mais nesta sala do que na secretaria, e por último no canto direito fica a entrada para a escada que dará acesso ao prédio do primeiro andar aonde ficam as salas. Segue abaixo uma planta do térreo da escola.

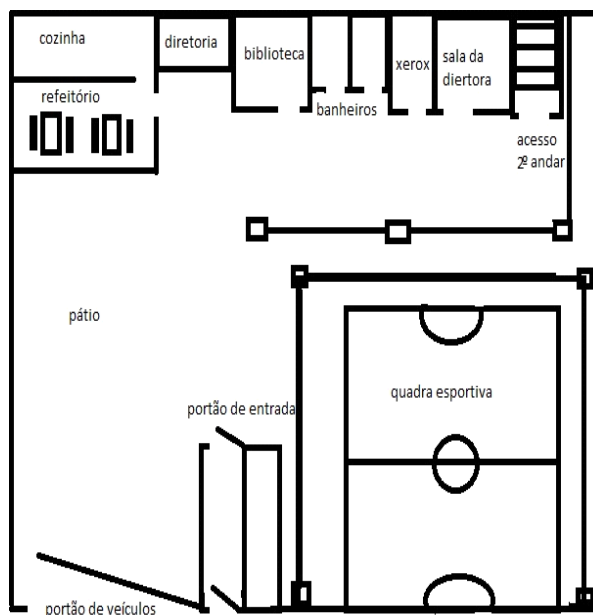


fig.2 (Crédito do desenho: Anderson Caetano)

Subindo as escadas me deparo com um pequeno espaço, em que fica uma mesa e uma cadeira, é o local em que fica a coordenadora de turmas, esta que tem a função de coordenar, organizar e conseqüentemente vigiar os alunos para que não fiquem dispersos fora das salas de aula e conter os conflitos, "brigas" típicas dos alunos.

Assim como aponta Foucault (1979) em microfísica do poder na parte que versa sobre o olho do poder, que o sentido é conhecer o corpo social, transformar esta massa amorfa em pequenas partições, para melhor exercer o poder por meio do controle. Este controle é exercido por meio da visibilidade, isto é vigiando os indivíduos é possível mantê-los dominados pela ameaça. Com isso sobre a posição estratégica da coordenadora de turmas, esta a meu ver tem uma visão privilegiada do espaço, pois ela consegue ver quem sobe da entrada das escadas, até o final do corredor do primeiro andar, concluo que sua posição vai ao encontro com o Panóptico de Bentham. Abaixo temos uma imagem da posição da coordenadora de turmas.

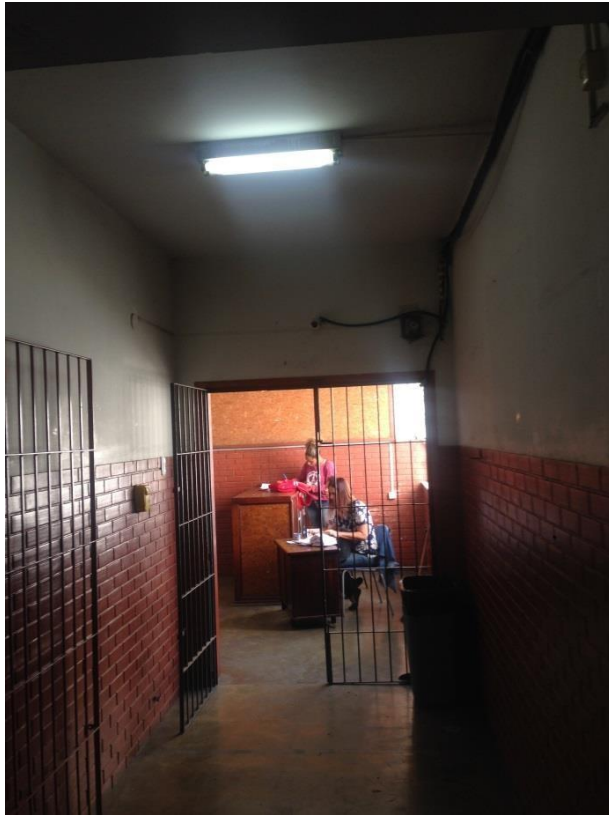


fig.3 (Créditos da foto: Anderson Caetano)

1.1. O Panóptico.

Segundo Jeremy Bentham o efeito mais importante do panóptico é provocar nos indivíduos um estado consciente e constante de visibilidade que garante a manutenção automática do sistema de poder. Por esse motivo ao elaborar o modelo do panóptico Bentham deu a orientação de que o poder deveria ser visível e inverificável. Quando Bentham estipulou este novo modelo de arquitetura para o controle e a vigilância incessante dos indivíduos ele definiu que este modelo seria aplicável em todos os ambientes coletivos que queira manter a vigilância dos indivíduos.

Para dizer tudo em uma palavra, verei que ele é aplicável, penso eu, sem exceção, a todos e quaisquer estabelecimento, nos quais, num espaço não demasiadamente grande para que possa ser controlado ou dirigido a partir de edifícios, queira-se manter sob inspeção um certo número de pessoas. Não importam quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos: seja o de punir o incorrigível, encerrar o insano, reformar o viciado, confinar o suspeito, empregar o desocupado, manter o desassistido, curar o doente,

instruir os que estejam dispostos em qualquer ramo da indústria, ou treinar a raça em ascensão no caminho da educação, em uma palavra, seja ele aplicado aos propósitos das prisões perpétuas na câmara da morte, ou prisões de confinamento antes do julgamento, ou casas penitenciárias, ou casas de correção, ou casas de trabalho, ou manufaturas, ou hospitais, ou escolas (BENTHAM, 1787 p.19).

Em relação ao modelo do panóptico, este se baseia numa estrutura bastante peculiar. Há uma torre central, onde fica um único vigia; à sua volta, em celas individuais ficam os presos. Extremamente bem planejada, a estrutura permite jogos de luz que permitem que o vigia possa ter total visão dos presos, mas estes não tem qualquer visão do interior da torre, o que faz com que nem sequer possam saber se há ou não um vigia de plantão. Abaixo temos uma figura desta representação do panóptico.



fig.4.(crédito da foto: Google imagens/ panóptico)

Este modelo de construção arquitetônica teve por inspiração a imitação da onipresença de Deus, pois como afirma o próprio Bentham em um de seus esboços parafraseando o salmo 139.

Quer eu ande ou me deite, por toda parte estás lá: meus caminhos são todos por ti espiados. Se digo: que a terra me cubra!, Minha noite em dia será transformada. E ali ainda tua mão me conduzirá, e tua direita me pegará (BENTHAM, 1787, p.91).

Esta referência se baseia no olho de Deus, o olho que tudo vê, com isso Bentham (1787) aponta que o panóptico seja o olho que veja sem ser visto, pois, “se posso discernir o olhar que me espia, domino a vigilância, eu a espio também.” Abaixo temos uma figura que em algumas culturas, por exemplo, a cultura egípcia simboliza o olho de Deus, o olho que tudo vê, esta imagem também é usada como referência na cultura maçônica como o olho de Deus. Esta representação do olho que tudo vê que inspirou o panóptico de Bentham, entendendo que não foi a imagem abaixo que inspirou o panóptico, esta apenas esta representando aquilo que realmente inspirou o panóptico, o olho de Deus que tudo vê.

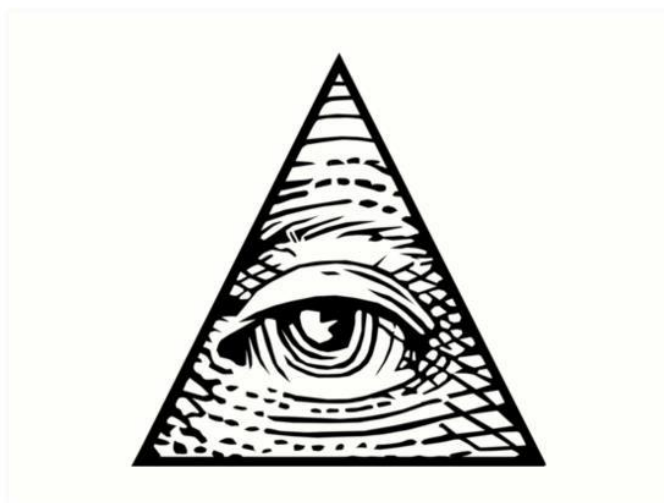


fig.5 (Credito da foto: Google imagens/ olho de deus símbolo)

Hoje em dia o dispositivo panóptico de controle, ainda se faz presente em diversos espaços, como bancos, prisões carcerárias, em lojas, na rua, nas casas, na escola, e em diversos outros espaços que requerem uma vigilância. Porém o panóptico tomou uma forma diferente da proposta por Bentham, mas o seu princípio é o mesmo, o de causar uma sensação de controle e vigilância absoluta, uma sensação de ser vigiado sem ver quem o vigia, atua também como um dispositivo de segurança, para evitar roubos e demais perturbações da ordem. Este dispositivo é a câmera de segurança, tão presente em vários lugares da nossa sociedade.

1.2. Formas de controle no colégio 15 de Novembro.

No colégio 15 de Novembro há câmeras de monitoramento, mas estas câmeras foram colocadas a partir do segundo semestre de aulas, foi quando

mudou a gestão da escola, antes de ter as câmeras, certo dia numa entrevista livre com a antiga diretora do lugar, perguntei se ela já pensou em colocar câmeras no colégio, ela me respondeu que sim, porém no momento estava fora do orçamento da escola, com isso o trabalho da coordenadora de turmas e da monitora dos alunos tornavam-se mais crucial e exigente.

Em minha observação eu notava que os alunos se sentiam vigiados pelo olhar da coordenadora de turmas, e com isso se mantinham mais contidos, faziam menos bagunça, não falavam tão alto, adentravam o primeiro andar, e logo subiam para suas salas, isto em minha observação dou crédito pela posição privilegiada da coordenadora de turmas.

O colégio 15 de Novembro possui quatorze salas no total, sendo doze salas no tamanho regular que comporta trinta e cinco a quarenta alunos, e duas pequenas que comportam vinte alunos, no primeiro andar ficam sete salas, juntamente com a sala dos professores, e no segundo andar ficam mais sete salas, em que duas destas são as pequenas.

Boa parte desta descrição dos espaços e da arquitetura do lugar eu fiz na biblioteca, onde também obtive boa parte das informações com a funcionária que trabalha lá a Rosemeri.

O colégio possui uma biblioteca pequena sendo apenas uma sala, onde os livros estão alojados em estantes nos lados da sala. O refeitório é um espaço do qual fui convidado a tomar um café, observei que também é um espaço muito pequeno, a primeira vista eu não acreditei que todos os alunos faziam suas refeições todos juntos no mesmo local, mas segundo o relato de um aluno do oitavo ano, sim todos fazem juntos suas refeições. “-todo mundo entra e logo sai”, relato de um aluno.

Interessante observar estes espaços e como eles vão ao encontro com o que aponta Deleuze, (1992) de que o indivíduo não cessa de passar de um espaço de confinamento para outro, primeiro a família, depois a escola, e mais tarde a fábrica, às vezes o hospital, e eventualmente a prisão este que é o espaço de confinamento por excelência.

É nítido perceber mesmo que seja uma coisa aparentemente comum aos nossos olhos como a disposição das cadeiras na sala de aula, vai ao encontro com o que Foucault (2002) aponta sobre o adestramento em sua obra vigiar e punir, este que tem por intenção, estabelecer uma uniformidade do processo de disciplinarização dos indivíduos, neste caso dos alunos, em que tudo concorre para o estabelecimento de um padrão estabelecido, e quando este padrão é quebrado ou desrespeitado é passível de punição.

A origem da escola moderna tem mais de três séculos de existência, e é incrível como a configuração das salas de aula da arquitetura do lugar, da disposição das mesas e cadeiras no espaço ainda é do mesmo jeito que no início da escola. Claro que houve alterações no modo de ensinar.

Com o advento da Escola Nova, da Escola libertária, a forma de transmitir o conhecimento foi se modificando, com isso até mesmo a disposição das cadeiras na sala de aula. Tem professores que gostam de dar aulas com as cadeiras em um grande círculo na sala, por exemplo, mas em sua maioria, não só no Colégio 15 de Novembro, em outras escolas também, a disposição das cadeiras é sempre no estilo antigo, as das fileiras. Alunos um atrás do outro, e o professor na frente, no comando, bem similar com o que aponta Foucault (2002) em relação à escola tradicional e o exército, na relação da disposição das cadeiras e da disciplina.

Isto nos faz refletir como os mecanismos de vigilância de adestramento e de controle dos indivíduos se fazem presentes desde quando autores como Foucault, Deleuze, começaram a discorrer sobre este tema.

1.3. A arquitetura influenciando na atividade intelectual dos alunos e demais agentes da escola

Segundo Bernard Charlot (2013) a influência da arquitetura de uma escola é essencial para o professor poder transmitir os saberes para os seus alunos, pois a arquitetura projetada para o colégio proporciona aos agentes da educação um bem estar, ocasionando assim um bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem, mas se este ambiente não for bem arquitetado, isto pode ocasionar certa tensão para o professor, para os alunos e demais profissionais inseridos no ambiente educacional. Com isso podendo gerar conflitos que seriam melhores administrados se houvesse uma estrutura adequada para os alunos, professores e demais agentes da escola.

Outro ponto da teoria de Charlot (2013) é de que os alunos necessitam ser mobilizados e não motivados como sempre ouvimos dos relatos dos professores no senso comum, de que os alunos não são motivados a nada, são preguiçosos, não querem nada com nada. Para Charlot não é de motivação que os alunos precisam, pois motivação é algo que vem de fora, mas eles precisam ser mobilizados a aprender, pois a mobilização é algo que parte de dentro, é nisto que a estrutura do lugar tem forte influência, para que os alunos quando adentrarem os portões da escola se sintam mobilizados a estudar, pois é isto que se faz na escola, o autor afirma que muitos alunos estão na escola há anos, mas nunca estiveram

realmente nela, pois a sua atividade intelectual não está mobilizada a estar ali para estudar.

No colégio 15 de Novembro os espaços em geral são bem limitados, o espaço de lazer é bem limitado, tendo apenas uma quadra e um pátio que divide o espaço como estacionamento para os carros dos funcionários. É nítido que há pouco espaço de socialização para os alunos. Talvez as precárias instalações dificultem as condições de aprendizado como aponta Charlot.

Há muitas grades espalhadas por entre as entradas e interior do colégio, coisas que podem passar uma suposta imagem de prisão, e não de um ambiente educacional.

Cap.2. Sobre os mecanismos de controle e de punição.

A entrevista que se segue foi feita com a pedagoga do colégio 15 de Novembro. Escolhi a pedagoga Irecê Damasceno, porque segundo a minha intermediária no campo Rosemeri Gomes, por ela ser a pessoa que tem mais experiência no colégio, pois a Irecê Damasceno já trabalhou em várias outras escolas e por ter trabalhado na sede da SEEDUC da coordenadoria regional de educação do Norte Fluminense, localizada em Campos do Goytacazes.

Outro fator que me fez querer entrevistá-la foi a capacidade que ela tem de lidar com os diversos conflitos presentes no colégio. Mesmo não sendo da área dela, pois estes assuntos cabem a Orientadora Educacional do colégio, esta que estava de licença, no período em que eu fiz esta pesquisa. Com isso a pedagoga Irecê Damasceno é que tratava destes assuntos de conflitos entre alunos e professores, e alunos e alunos.

Esta entrevista foi feita de forma semiestruturada, em que já levei as perguntas prontas, e deixei a entrevistada responder livremente. Primeiramente perguntei:

Quais eram os mecanismos de controle usados para regular o comportamento dos alunos? A profissional me respondeu de forma clara que o principal mecanismo de controle usado diretamente pelos professores era a “nota”, pois segundo ela os professores obtinham uma autoridade na sala de aula, através da ameaça da “nota”.

Segundo Irecê Damasceno há casos em que o professor chega até falar: “- Eu vou te ferrar na prova, por que você arranhou meu carro”. Mesmo sendo uma relação de conflito pessoal entre aluno e professor, o mecanismo de controle que é a “nota” está presente.

Segundo a pedagoga, estes comportamentos dos alunos são reflexos do próprio comportamento da escola. “- O aluno reflete a escola, e o comportamento do professor”. Ela me conta que ao se reunir com o professor para tratar desta situação de notas baixas, ela propõe um projeto, para que melhorasse esta questão das notas baixas, em que neste projeto o professor desse as coordenadas e os alunos que fariam todo o projeto. Esta medida melhorou a questão da indisciplina dos alunos, pois os alunos segundo ela se sentiram mais mobilizados a realizar tal tarefa.

Sobre a atitude do professor em usar a nota como instrumento de controle e de punição, na verdade ao fazer isso ele está usando do poder, o poder de ser professor, a sim como para Foucault (2005), a punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que essas se adéquem às normas estabelecidas nas instituições.

Quando os alunos não respondem de forma como o professor espera, ou quando há algum conflito direto entre o professor e o aluno, este usa do poder para tentar adestrá-lo ou puni-lo por algum ato. Ainda sobre o poder Foucault afirma que:

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar” : ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestrar” as multidões confusas. (FOUCAULT, 2005, p. 143).

Porém assim como afirma Bernard Charlot sobre a atitude do professor hoje em dia, podemos constatar que:

Hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras pré-definidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é sim um profissional que deve resolver os problemas. (CHARLOT, 2013, p. 47).

Ainda sobre o tema desta pergunta que fiz a Irecê Damasceno, eu perguntei como ela descobriu que o maior mecanismo de controle usado pelos professores em geral era a nota. A pedagoga me respondeu que é feito na escola um diagnóstico bimestral, em que neste diagnóstico se avalia: frequência,

dependência, alunos reprovados, e a nota, com isso ela reparava que em certas turmas havia um excesso de notas ruins, com isso ela chama o professor e pergunta o porquê de tantas notas baixas, segundo ela o professor “distribuía” estas notas baixas por conta do mau comportamento dos alunos. Com isso ela descobriu a “nota” como ferramenta de controle dos alunos.

Outro mecanismo de controle segundo a Irecê Damasceno é a coordenadora de turmas, segundo ela chamada de “olheiro”. A pedagoga explica que esta figura esta cada vez mais desaparecendo, assim como a figura do porteiro, tão presente antes nas escolas. Outra figura que antes fazia parte do corpo que controlava os alunos mesmo que de forma indireta, é o policial, que antes existia no colégio, porém agora a prefeitura decretou que a questão de segurança da escola fica por conta da guarda municipal, e em casos mais críticos ai sim se deve chamar a polícia.

Há ainda as câmeras de vigilância, que segundo ela também fazem parte deste controle dos alunos, e ainda exercendo a função de segurança do local contra furtos vindos de fora e de dentro do colégio.

Como segunda pergunta eu quis saber: Quais eram as punições mais comuns para a indisciplina dos alunos? Ela me respondeu que, a punição mais severa era a chamada transferência, que na verdade segundo ela era a expulsão mascarada de transferência. Esta punição se aplica a casos de alunos que forem pegos usando drogas ou traficando, no espaço territorial do colégio. Também nos casos de violência, sejam para com os funcionários, alunos e quaisquer pessoas que integrem o corpo social da escola. Porém esta punição não é feita de imediato. Primeiro é realizada as chamadas advertências, que quando somam um total de três advertências se realiza um conselho escolar para tratar do assunto.

Neste conselho são considerados os fatores como a família, a idade, a situação financeira, atributos que segundo ela são para “justificar” o porquê do ato daquele aluno, mas quando nenhuns destes atributos são levados em conta. É realizada a transferência imediatamente.

A profissional me relata um caso de um aluno que entrou na Escola só para traficar. “- Ele recebeu as três advertências, mas não levou a sério, quando estava prestes a se formar o conselho para tratar desta questão, nem precisou, dias depois ele foi preso na frente do colégio traficando, foi pego em quanto passava uma viatura da policia”. Relato da Irecê Damasceno sobre este aluno.

Segundo a pedagoga estas questões de alunos usando drogas e traficando no colégio é frequente, para Irecê Damasceno o colégio 15 de Novembro se comparado com outras escolas da periferia de Campos do Goytacazes pode ser

classificada como uma escola neutra no sentido de que recebe alunos de todos os lugares do município. Ela relata que estes lugares são controlados por facções e com isso quem é de facção rival não pode estudar nestas escolas. Porém no quinze por estar localizado no Bairro do Centro, ele fica “neutro” desta influência de facções, mas já houve casos de brigas de alunos por conta de se dizer pertencente à facção rival um do outro.

Concluindo então sobre a questão das punições presentes no colégio 15 de Novembro, são elas: primeiramente advertência verbal, estas que muitas vezes a própria Irecê Damasceno faz segundo ela. Porém na advertência escrita, esta que vai para o “caderninho preto” termo usado pelos alunos segundo me conta a Irecê Damasceno, só pode ser feita pela Orientadora Educacional. Passando as advertências verbais e depois escritas, que só podem somar um total de três advertências, é realizado um conselho para tratar da questão. E por fim se neste conselho nenhum dos atributos forem justificativas para a defesa do aluno, ele é transferido do colégio.

Com base no relato da pedagoga sobre as formas de controle e de punição que existem no colégio 15 de Novembro, Foucault relata em *Microfísica do Poder* na parte que versa sobre Poder-Corpo, que os mecanismos de sujeição do corpo são como uma tecnologia.

Existe um saber sobre o corpo e um controle sobre as suas forças. Na sociedade de controle, surgem mecanismos de vigilância, com autoridade suficiente para tornar o indivíduo incapaz de manifestar reação.

Segundo Foucault (1979) a disciplina tem como função diminuir a resistência que o corpo pode oferecer ao poder e aumenta a força em termos econômicos. O corpo só será fonte de utilização econômica e se tornará força útil se for simultaneamente produtivo e submisso.

É neste ponto que a escola tende a ser um lugar que esta quase que a todo tempo impondo regras e padrões de comportamento sobre os indivíduos e sobre seus corpos, para que ao sair da escola este sujeito seja produtivo no mercado de trabalho e, sobretudo submisso.

Ainda sobre o tema da vigilância eu perguntei a vários alunos, ora em grupos ora individualmente, sobre: Qual a sensação de estar sendo vigiado todo o tempo pelas câmeras?

Eles me responderam quase que em sua maioria que se sentiam seguros, que as câmeras não interferiam na sua privacidade, que na verdade estavam acostumados com câmeras, pois em vários outros lugares também tinham, no

banco, nas lojas, no shopping. Certa aluna até brincou comigo dizendo que: “– a gente se sente até no BBB, no BBB do 15 de Novembro”.

Podemos constatar que o uso de câmeras no colégio, traz sim os seus benefícios e em alguns casos, por exemplo, como a segurança do lugar, contra agentes externos como furtos e invasões, nestes casos pode ser oportuno. Mas por si só a presença de câmeras no colégio revela um mecanismo de controle e repressão, mas que são velados pelo discurso de segurança. As câmeras tendem a influenciar os indivíduos a se comportarem de uma forma padronizada imposta pelo colégio, e os indivíduos vão interiorizando este controle e com o tempo vão naturalizando este controle. É possível perceber isto no comentário da aluna que diz que: “- a gente se sente no BBB...”.

O olhar das câmeras é um olhar mais informal, aparentemente mais discreto, que não causa um constrangimento direto como, por exemplo, o olhar da coordenadora de turmas. Porém não deixa de ser um olhar que controla, e que exerce vigilância sobre os indivíduos. A sim como aponta Foucault.

Já o olhar vai exigir muito pouca despesa. Sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. (Foucault, 1979, p.120)

Esta citação de Foucault, em que ele está citando o panóptico de Bentham é bem apropriada para refletir na questão das câmeras no colégio. Outro fator é a questão de que o custo é bem baixo se comparado ao colégio ter mais funcionários “olheiros”, termo usado pela pedagoga Irecê Damasceno, sobre as monitoras de turmas. Sobre isso aponta Foucault. (1979) “Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório”.

2.2. A arquitetura do lugar como uma forma negativa de aprendizado.

Nesta questão da arquitetura do lugar eu perguntei: Com base na arquitetura do lugar, você acha que ela exerce uma forma negativa para o aprendizado dos alunos?

A pedagoga me respondeu que em sua maioria as escolas do estado do Rio de Janeiro, não são pensadas e planejadas no que se refere a sua arquitetura e seu espaço, no caso de Campos do Goytacazes, por exemplo, a profissional relata que muitas escolas são prédios históricos e velhos que são reaproveitados e neles se fazem uma escola, o 15 de Novembro é um destes casos.

Primeiramente o colégio era uma casa antiga que está localizada ao lado do atual colégio, esta casa que hoje pertence a regional de Campos dos Goytacazes. Ao lado desta casa foi construído o prédio que hoje é o Quinze de Novembro, segundo ela um espaço pequeno para abrigar tantas turmas do Ensino fundamental II e Ensino médio.

A profissional Irecê Damasceno relata também que, por ser um espaço não pensado fica mais difícil de exercer o papel do ensino, não que isto dependa necessariamente de uma estrutura excelente, mas que uma boa estrutura facilita esta prática de ensino, Ela me conta que tiveram que usar uma das salas de aula para fazer uma sala de multimídia, pois não havia sala de multimídia no colégio, com isso segundo ela: “-Para ter as coisas é necessário ir remanejando outras coisas de lugar”.

No projeto proposto pela pedagoga Irecê Damasceno com a professora sobre a questão da melhora das notas baixas, foi realizada uma feira, em que os alunos montaram maquetes, fizeram cartazes, entre outras coisas, porém após a feira estas maquetes ficaram alojadas na própria sala da coordenação pedagógica, segundo ela amontoadas em cima de outras coisas, por conta de não haver local apropriado para os trabalhos.

Com base no relato da Irecê Damasceno sobre o espaço e a arquitetura escolar, isso vai ao encontro no que diz Dóris Kowaltowski de que.

Estudos mostram que o ambiente escolar pode ter um impacto significativo sobre o aprendizado e o comportamento de alunos. Os funcionários de uma escola podem se sentir mais valorizados e motivados em edifícios bem projetados e uma nova escola pode exercer um impacto positivo sobre as pessoas que moram no entorno destas instituições e que usam a escola como espaço de lazer e cultura. A qualidade da arquitetura escolar, portanto, afeta profundamente os seus usuários, inclusive influenciando os índices de desempenho do ensino. (Kowaltowski, 2011, p.13)

Tradicionalmente no Brasil, o processo de projetos escolares públicos é administrado ou por órgão de Estado, ou por secretaria municipal. Em geral, o Município é responsável pelo ensino infantil e fundamental e os estados respondem pelo ensino médio e profissionalizante. Há também escolas técnicas federais. Os projetos para novas construções escolares podem ser desenvolvidos por projetistas, funcionários dos próprios órgãos públicos, como prefeituras ou secretarias de educação, ou ainda são contratados arquitetos terceirizados autônomos por estes órgãos.

Como aponta Ferreira e Melo (2006), sobre as construções de escolas:

O histórico das construções escolares mostra uma preocupação principal em atender a demanda por vagas para os estudantes nas escolas, que é crescente ao longo do tempo, ou seja, a prioridade nem sempre é a qualidade dos edifícios, mas sim a quantidade de vagas criadas com a construção de salas de aula. Embora os conceitos de qualidade e quantidade não sejam excludentes, a história demonstra que sua articulação nem sempre ocorre. Essa questão mostra-se agravada quando se trata de obras públicas onde a equação desses dois aspectos depende de fatores políticos e de limitações existentes, muitas vezes relativas a prazos, recursos disponíveis ou à própria legislação vigente. (Ferreira e Mello, 2006, p. 16).

Com tudo isso o relato da pedagoga Irecê Damasceno sobre a arquitetura e espaço do colégio, se enquadram perfeitamente no pensamento destes autores. De que a arquitetura e o espaço do lugar têm relações de influência positivas ou negativas no ensino e aprendizagem dos alunos do colégio 15 de Novembro.

Conclusão.

Este trabalho abordou as formas de controle de vigilância e punições que existem no Colégio Estadual 15 de Novembro. De forma analítica e através de observação participante, entrevistas. Pude constatar que na instituição escolar existem formas de controle de vigilância e punições que também há em outras instituições presente em nossa sociedade, como a fábrica, a prisão, o exército, entre outras assim como aponta Michael Foucault, Gilles Deleuze, autores que me baseei para fazer esta monografia.

Outro ponto que foi observado e pude concluir nesta pesquisa foi a questão da arquitetura escolar que também exprime formas de controle e vigilância sobre os indivíduos do lugar. Caso este das câmeras de segurança, da distribuição das mesas e cadeiras nas salas de aula, e da posição da coordenadora de turmas, que tem como função vigiar os alunos.

Ainda sobre a arquitetura do lugar, pude concluir que esta também tem influência na questão da atividade intelectual dos alunos, assim como aponta autores que me baseei como Bernard Charlot, e Dóris Kowaltowski.

Através das entrevistas pude concluir que em alguns casos determinado professor usa do mecanismo da “nota” como punição dos alunos, por questões de mau comportamento, que a meu ver é uma situação totalmente errada. Sendo que usar de um mecanismo que por si só já é um mecanismo de controle de avaliação e seleção dos indivíduos, e transformá-lo em punição para questões disciplinares, está totalmente fora da autoridade que é dada ao professor.

Outro ponto que pude concluir nesta pesquisa é a forma como os indivíduos internalizam os sistemas de controle, e com o tempo naturalizam estas formas, como a questão dos alunos não se incomodarem com as câmeras no colégio.

Sendo assim posso concluir que a escola em especial nesse caso o Colégio Estadual 15 de Novembro, se organiza nos marcos proposto pelos autores Foucault e Deleuze, sobre as questões de controle, vigilância e punição nesta sociedade que vivemos atualmente a sociedade de controle. E também posso concluir que a arquitetura do colégio contribui diretamente para estas formas de controle dos indivíduos.

Esta pesquisa teve como objetivo nos fazer refletir que a Escola tende através dos seus métodos de controle de vigilância e punições, a transformar indivíduos que sejam adestrados e submissos para serem produtivos lá fora, como, por exemplo, no mercado de trabalho, assim como aponta Michael Foucault.

Referências bibliográficas.

DELEUZE, Gilles, Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 229-226. Tradução de Peter Pál Pelbart.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

BENTHAM, Jeremy. O panóptico; organização de Thomaz Tadeu; tradução de Guacir a Lopes Louro, M. D. Magno, Thomaz Tadeu, 2. Ed: Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. Cap.9 in individualismo e cultura. RJ: Jorge Zahar. 1987. pp. 121-132.

KOWALTOWSKY, Dóris. Arquitetura escolar; o projeto do ambiente de ensino 1. Ed. São Paulo, SP: oficina de textos. 2011

MELLO, A, F; Ferreira, M.G. Arquitetura escolar paulista: Estrutura pré-fabricadas. São Paulo, SP: FDE, IMESP, 2006.

VALADARES, Licia, Resenha de “Os dez mandamentos da observação participante” de Willian Foote Whyte. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Brasil, 2007, pp. 153-155.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas, [livro eletrônico], 1 ed, São Paulo: Cortez, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ANDERSON CAETANO DE SOUZA

**AS FORMAS DE CONTROLE NA ESCOLA 15 DE NOVEMBRO COM BASE
NA SUA ARQUITETURA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação
em Ciências Sociais da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciando/ Licenciatura.

Orientador:
Prof. Dr. Marcio José Melo Malta

CAMPOS DOS GOYTACAZES
2017

Ficha catalográfica automática - SDC/BUGG

C127f Caetano de Souza, Anderson
As formas de controle na escola 15 de Novembro com base na sua arquitetura / Anderson Caetano de Souza; Marcio Malta, orientador. Campos dos Goytacazes, 2017.
33 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes, 2017.

1. Introdução . 2. Arquitetura e espaço do colégio estadual 15 de Novembro . 3. O panóptico. 4. Sobre os mecanismos de controle e de punição . 5. Produção intelectual. I. Título II. Malta, Marcio , orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. Departamento de Ciências Sociais.

CDD -

Bibliotecária responsável: Juliana Farias Motta - CRB7/5880



UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESR - INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
COC - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE CAMPOS

Ata da Sessão de Apresentação do Trabalho Final de Curso de Ciências Sociais do discente **Anderson Caetano de Souza**, matrícula 112068071, como exigência para a obtenção do Grau de Cientista Social. Aos catorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezessete às 16:00 reuniu-se, na sala H 105 do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense, por convocação do Departamento de Ciências Sociais de Campos, a banca encarregada de examinar o Trabalho Final de Curso intitulado: **As formas de controle na escola 15 de novembro com base na sua arquiteturas**, do discente, **Anderson Caetano de Souza**, matrícula 112068071. A Banca Examinadora foi constituída pelas professoras Andrea Lúcia da Silva Paiva, Natália dos Reis Cruz, e Orientador e Presidente da Banca, professor **Marcio José Melo Malta**. Dando início aos trabalhos o Presidente da Banca deu ciência a todos das normas e procedimentos da apresentação. A seguir o discente apresentou a Síntese da Monografia e, em seguida, foi argüido pelos Examinadores. Após as considerações finais do discente, a Banca Examinadora, de forma reservada, procedeu à avaliação e julgamento da Monografia. O aluno foi considerado _____, por unanimidade, pelos membros da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Banca Examinadora deu por encerrados os trabalhos. E, para constar, foi lavrada a presente Ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim _____, que secretariei os trabalhos, e por todos os membros da Banca Examinadora e pelo discente.

Marcio José Melo Malta

 Professor– Orientador e Presidente **Marcio José Melo Malta**

Andrea Lúcia da Silva Paiva

 Professora: Andrea Lúcia da Silva Paiva

Natália dos Reis Cruz

 Professora: Natália dos Reis Cruz

[Assinatura]

 Secretário

Anderson Caetano de Souza

 Discente